

Ensino em cooperativismo articulado a processos de incubação. reflexões sobre a experiência da UFFS Laranjeiras do Sul, PR

Raoni Fernandes Azerêdo¹

Pedro Ivan Christoffoli²

INTRODUÇÃO

Neste artigo procuramos elencar as especificidades do ensino de cooperativismo na Universidade da Fronteira Sul - Campus Laranjeiras do Sul (UFFS), uma instituição articulada ao projeto regional de desenvolvimento, na medida em que experiências consolidadas e outras em emergência, com base associativa, apontam para a possibilidade de construção de estratégias baseadas na cooperação e economia solidária como eixos do desenvolvimento regional. O objetivo principal do texto, é refletir sobre um processo em construção, em que a metodologia de ensino experimentada na UFFS articula disciplinas ligadas à temática do cooperativismo, envolvendo os educandos dos cursos de economia, agronomia e engenharia da aquicultura junto com empreendimentos solidários da região.

Busca-se analisar como este processo de aprendizagem, pode vir a contribuir no fomento de uma cultura da cooperação na região, e sobretudo, que articule estes educandos com os processos de incubação dos empreendimentos econômicos solidários (EES) apoiados pelo NECOOP, promovendo ao mesmo tempo um processo educativo dialógico, ressaltando a construção de uma práxis coletiva a partir da realidade concreta e dos anseios dos EES numa perspectiva de transformação social.

PALAVRAS CHAVE; Ensino; Cooperativismo, Cultura da Cooperação, , Incubação,

1. A Universidade e a disputa pelo conhecimento

Desde os anos 1960 Paulo Freire alertava sobre o equívoco gnosiológico envolvido no processo escolar. A concepção de que os alunos nada sabiam e ali estavam para receber (para

¹ Mestrando do Programa em Desenvolvimento Territorial na América Latina e Caribe - UNESP-SP. Membro do Núcleo de Estudos em Cooperação (NECOOP/UFFS) ; raoniazeredo@gmail.com

² Professor da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS) Campus Laranjeiras do Sul. Membro do NECOOP/UFFS. Coordenador do Grupo de Pesquisa em Cooperativismo Popular, Políticas Públicas e Desenvolvimento Regional.; pedroivanc@gmail.com

serem enchidos com) os conhecimentos transmitidos pelos professores, os verdadeiros detentores do saber, era dominante. Contudo, seria lêdo engano imaginar que essa realidade esteja superada. A universidade brasileira ainda segue sendo um dos feudos onde o ensino bancarizado se perpetua, agora contraposto ainda por uma tendência à mercantilização do saber e das atividades próprias das IES.

Para Minto (2012), a história da educação superior no Brasil está enraizada no modo peculiar como se desenvolveu a sociedade de classes no País, tendo como base material as particularidades do desenvolvimento brasileiro e sua relação imanente com o desenvolvimento global do modo de produção capitalista.

Apoiamos-nos no autor sobre o fato de que a configuração do processo de educação superior no Brasil e as respectivas diretrizes metodológicas das Instituições de Ensino Superior (IES) são resultados dos rumos e interesses do embate que as classes travam no processo de luta social. Se o papel conservador a serviços dos nichos do mercado neoliberal e da reprodução capitalista são cada vez mais nítidos nas IES, se faz essencial perceber o movimento histórico que os movimentos sociais trilham no caminho pela democratização e radicalização do ensino.

No contexto brasileiro, a educação nas IES está à mercê do capital³ de várias formas, numa mercantilização em que, em troca de um ensino tecnicista rebaixado e alienado, o sujeito teria o pressuposto da empregabilidade, seja nas grandes multinacionais, no Estado como tecnocracia burocratizada, ou nas empresas privadas nacionais pelo assalariamento acrítico e subordinado ao capital financeirizado.

Nas dinâmicas das lutas da classe trabalhadora, por mais que esta ainda não tenha penetrado nos interesses e estruturas que definem os rumos das IES, vem procurando pautar novas questões e novos⁴ fundamentos para o ensino superior, pela produção e reprodução de conhecimentos que permitam ações concretas na realidade em articulação com os setores populares. Ainda conforme Minto (2012), a classe trabalhadora deve enfrentar os desafios para que as IES se tornem espaços de contradições acirradas, permitindo que se convertam em armas efetivas do processo de transformação das relações sociais.

Portanto não cabe as IES se estenderem por si só à sociedade, é necessário que os movimentos sociais em particular, forcem a transformação, pautando nas IES não apenas as suas demandas de ensino e pesquisas de acordo com tais contradições da realidade, mas que

³ Sobre esse tema ver Novaes (2012) e Tragtemberg (1990)

⁴ Conforme Marx: “a nova educação só pode surgir dos escombros da velha, e somente a classe trabalhadora por suas novas forças sociais podem empunhar um projeto para a superação do capital”.

também apontem para novas formas de realização do processo produtivo e reprodutivo dos intelectuais e da própria classe trabalhadora.

2. A UFFS e o ensino de cooperativismo

A Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS) foi criada para atender com Ensino Superior, Extensão e Pesquisa à população de 396 municípios que compõem a Mesorregião da Grande Fronteira do Mercosul e adjacências -- uma região historicamente desassistida pelo poder público, especialmente no tocante ao acesso à educação superior.

O Campus localizado em Laranjeiras do Sul é fruto de luta e persistência de movimentos sociais do campo, entidades, prefeituras e população do território da cidadania da Cantuquiriguaçu em promover o desenvolvimento local, com uma universidade que tenha na agricultura familiar e camponesa um setor estruturador e dinamizador do processo de desenvolvimento e como premissa a valorização e a superação da matriz produtiva existente. Esse território abrange uma área de 13.986,40 Km² e é composto por 20 municípios.

O Diagnóstico Sócio- Econômico do território, tomando por referência o CENSO 2000, mostra que a Cantuquiriguaçu se destaca negativamente no estado do Paraná pelos altos índices de pobreza, com 26.159 famílias consideradas pobres, renda familiar per capita de até meio salário mínimo, representando 41,9% do total de famílias, além de déficit habitacional e de infra-estrutura em parte das residências. Tais dados justificam o elevado processo de êxodo regional verificado nas últimas décadas rumo à capital do PR e cidades litorâneas de SC. Os Índices de Desenvolvimento Humano Municipal (IDH-M) da Cantuquiriguaçu, são todos menores que a média estadual e nacional. Mesmo Laranjeiras do Sul, que registra o índice mais elevado (0,753), encontra-se distante da média estadual (0,787). Todos os municípios do território situam-se inclusive abaixo da média brasileira (0,766).

A concepção que vem sendo construída na UFFS Campus Laranjeiras do Sul, sobretudo no Núcleo de Estudos em Cooperação - NECOOP/UFFS é a busca constante de integração entre Ensino, Pesquisa e Extensão como elementos indissociáveis de uma universidade que se pretende comprometida com a transformação social. Entretanto, afirmar apenas isso não destoaria do discurso oficial das IES brasileiras, tão acostumadas com o dizer desvinculado do fazer, conforme nos alertava José Martí, herói da luta pela independência cubana.

Os projetos desenvolvidos pelo NECOOP procuram estar diretamente ligados a temáticas tratadas em diferentes disciplinas inseridas nos PPCs dos cursos de formação de profissionais de Economia (com linha de formação em Cooperativismo e Desenvolvimento

Regional) e Agronomia (com ênfase em agroecologia), sendo o programa uma grande oportunidade aos educandos de desenvolverem atividades práticas vinculadas diretamente a competências e habilidades adquiridas no curso.

Conforme o projeto pedagógico dos cursos⁵, pode ser observado, que vários componentes curriculares envolvem a atividade de extensão e cooperativismo, dentre elas, as disciplinas Extensão rural, Teoria cooperativista I, Economia da Cooperação, Projetos de Cooperativismo, entre outras que abordam transversalmente este tema.

Deve-se mencionar que no interior do Necoop/UFFS vem sendo construída especialmente no fomento a extensão universitária: a Incubadora Tecnológica de Cooperativas Populares na Cantuquiiguaçu, tendo relação intrínseca com grupos produtivos da economia solidária (urbano/rural), movimentos sociais do campo (MST, MPA), cooperativas de crédito (Cresol e Crehnor), etc. Ao mesmo tempo a proposta de inserção dos educandos não é casual ou secundária na UFFS e no Necoop, mas sim forma parte de uma estratégia possível e viável de formação com base na resolução de problemas reais, em equipes autogestionadas, fomentando o desenvolvimento de habilidades pessoais e profissionais fundamentais para a formação dos educandos.

Sendo assim, esta inserção dos educandos na extensão se mostra um campo privilegiado de novas pesquisas para o devido e necessário aprimoramento do ensino acadêmico, de modo a qualificação constante do papel da universidade. Como nos ensina o Prof. José Francisco de Melo Neto (2004), a extensão tem a missão de fazer a universidade sair dos seus muros, permitindo a seus participantes a elaboração de problemas existentes a partir da discussão da realidade vivenciada.

educar e educar-se, na prática da liberdade, é tarefa daqueles que sabem que pouco sabem – por isto sabem que sabem algo e podem assim chegar a saber mais – em diálogo com aqueles que, quase sempre, pensam que nada sabem, para que estes, transformando seu pensar que nada sabem em saber que pouco sabem, possam igualmente saber mais. (Freire, 1979 p. 15)

Desta forma, além de possibilitar explicações teóricas, é capaz de dar respostas às necessidades da sociedade. Entretanto, essas respostas, devem ser construídas em diálogo com os atores sociais.

⁵ os cursos de Economia com linha de formação em Cooperativismo e Desenvolvimento, e o de Agronomia, com linha de formação em Agroecologia tem em seus PPCs o tripé ensino, pesquisa e extensão articulados de forma a garantir uma formação completa de seus educandos, desta forma este programa em reforçar que dados oriundos nos processos de extensão podem sim ser ferramentas ou pontos de partida para a pesquisa científica.

3. Da educação bancária à experimentação de uma educação de novo tipo - o caso da disciplina Teoria Cooperativista

Essa seção questiona a “educação bancária”⁶, concebida como forma de ensinar dos docentes nas IES, na medida em que reproduzem o título de “detentores do conhecimento a ser transmitido” aos educandos. Sendo assim utilizam de uma forma fragmentada e linear do conhecimento, onde sua figura de professor-policial⁷, importa discutir os meios sem discutir os fins da educação.

Por outro lado ,aportando-se especialmente em Maurício Tragtemberg, observa-se que este sistema de aprendizagem, pode provocar dialeticamente dois pontos fundantes nos educandos: Primeiro o inculcamento das normas de passividade, subserviência e docilidade, através de uma constante repressão pedagógica. Segundo, os educandos ao serem injetados com tais doses altíssimas de tranqüilizante no meio universitário, podem vir a perceber o martírio do “saber burocratizado” como único “legítimo”. Questionando-se numa simples pergunta: este conhecimento a quem e para que serve?

Superar esse primeiro ponto, e avançar no segundo ponto do esquema descrito, demanda encontrar uma turma propensa e motivada a realizar um aprendizado diferente. No entanto cabe principalmente ao docente, experimentar práticas pedagógicas, que consigam contemplar a vivência do educando, suas inquietudes sobre determinados temas, em aprendizagem significativa. Hartmann e Zimmermann (2007) ressaltam que para isso acontecer, é necessário que o professor abandone a atitude individualista de conduzir o processo de aprendizagem para assumir uma atitude de diálogo.

Clodomir de Moraes antigo dirigente das Ligas Camponesas e mais tarde professor da Universidade Federal de Rondônia chama a atenção para a potencialidade dos processos formativos a partir de uma concepção práxica de lógica formativa. Segundo ele a capacitação organizativa, ou seja a preparação de quadros organizadores de processos cooperativos e associativos não se pode dar dissociada de uma práxis organizacional, de uma prática real em que os educandos se inserem em processos que promovem contradições e reflexões teóricas voltadas à compreensão das dinâmicas complexas dos processos sociais. Assim como não se aprende a andar de bicicleta sem montar em uma, também não se aprende cooperação, sem participar de processos cooperativos e de organização complexa.

⁶ Ver Paulo Freire (2005)

⁷ Tragtemberg (1990) aquele que supervaloriza o sistema de exames, a avaliação rígida do educando, o conformismo ante o saber professoral,

Entendemos que para Clodomir de Moraes, tendo por base o mesmo pensamento freiriano, ressalta-se que não basta só a reflexão sobre determinado assunto, pois se corre o risco de que este vire mero discurso, da mesma forma a ação sem o pensamento reflexivo, pautado num corpo teórico de conhecimentos, torna-se possivelmente em ativismo.

Por outro lado, a experimentação embrionária da disciplina Teoria Cooperativista, tem por orientação, suscitar nos educandos o espírito crítico, a curiosidade, a não aceitação do conhecimento simplesmente transferido.

Tendo a clareza que a reflexão não pode ser destituída da ação no ensino de aprendizagem nas IES, a disciplina Teoria Cooperativista da UFFS, vem se apoiando, ainda que embrionariamente, em algumas experiências em que o desenvolvimento pedagógico por base de práxis autogestionárias vem avançando: Escola da Ponte em Portugal; Universidade de Mondragon/País Basco-Espanha; O Curso Técnico em Administração de Cooperativas-TAC/MST, entre outros.

A problematização inicial da disciplina, foi pactuar com os educandos a nova abordagem da disciplina no semestre 2015.1. Assim no primeiro momento das aulas ocorreria a “entrega teórica” e na outra parte seria de discussões/debates/reflexões sobre textos, vídeos e espaços para que os grupos autogerissem o trabalho final da disciplina, sobre temas e experiências concretas, em que se propuseram a desenvolver. Estes educandos teriam neste espaço a monitoria da equipe do Necoop, juntamente com o professor responsável pela disciplina. Aqui é possível um diálogo da metodologia proposta com a categoria de Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP) de Vygotsky, onde o papel do núcleo seria estabelecer com cada grupo uma estratégia, onde os desafios estão bem caracterizados e representam aquisições possíveis para o estágio de cada grupo (nem tão distantes que desmotivem pela impossibilidade de alcance, nem tão fáceis que desmotivem pela obviedade ou pelo faz-de-conta).

Sobre o trabalho final da disciplina, no primeiro momento ficou a cargo dos educandos levantarem situações reais de temas no campo em experiências associativas regionais realmente existentes, a serem trabalhados. Tais situações exigem a introdução de conhecimentos teóricos para sua interpretação, por isso a importância do primeiro momento da aula ser de aprofundamento conceitual. No entanto verificamos que esta primeira parte necessita de aprimoramentos metodológicos, especialmente com leituras prévias sobre determinado assunto, que instiguem indagações para o debate. Também não se conseguiu evoluir para uma estruturação dialética da relação entrega teórica X prática de pesquisa e intervenção junto aos grupos e organizações cooperativas.

Assim, a partir de uma maior organização do conhecimento, os educandos devem iniciar um processo de sistematização, onde a caneta e o papel, precisam ser constantemente exercitados. Neste sentido, faz parte do sistema de avaliação da disciplina que cada educando descreva uma reflexão a partir de debates semi-estruturados, vídeos, atividades de estudos de caso, entre outros recursos, que possibilitam a gradual apropriação crítica - o que chamamos de memorial descritivo. O objetivo desse memorial é fazer com que o educando reflita sobre os processos vivenciados, seja em sala de aula, seja na prática junto aos grupos.

Atualmente são 16 grupos, com uma média de 3 educandos por grupo, onde vem deflagrando em grande parte destes, uma curiosidade e capacidade de ação maior que na mesma disciplina ministrada em semestres anteriores. Entendemos que quanto mais crítico é o ato de aprendizagem e sua aplicabilidade, mais desalienante se tornará o ensino nas IES.

Para nós, compartilhando do pensamento de José Francisco de Melo Neto, a possibilidade de modificar relações culturais que fortaleçam a cooperação e a valorização do trabalho associativo nestes educandos, só se dará a partir de uma aproximação e intervenções em experiências concretas, por exemplo nos EES. Assim compreendendo os desafios a serem enfrentados pelos EES, os educandos com a monitoria do Necoop, podem definir melhor os passos seguintes das ações do trabalho final da disciplina.

Na seção seguinte, refletimos com mais elementos sobre esta experimentação pedagógica ainda que inacabada, que articulada com o Necoop, especialmente com a ITCP assenta-se em uma metodologia direcionada para que estes educandos possam relacionar-se com um outro projeto de desenvolvimento societal.

4. Reflexões sobre limites e potencialidades da relação Ensino do Cooperativismo X Incubação de EES

As experiências em andamento na UFFS, não só em Laranjeiras do Sul, mas também em outros campi da instituição, como em Cerro Largo e Erechim (no RS) e Chapecó (em SC), buscam estimular o cooperativismo e associativismo como formas básicas de sociabilidade e como elementos portadores de uma capacidade de promover o desenvolvimento regional numa lógica contra hegemônica, ou ainda, ao menos, numa perspectiva equitativa e inclusiva.

Entretanto são experiências ainda localizadas e pouco consolidadas na instituição e que necessitam de um amplo desenvolvimento e maturação. Observadas essas reservas, no entanto, é possível identificar elementos promissores, assim como limites claros, no processo em discussão.

4.1 Potencialidades

O processo desencadeado com a disciplina de Teoria Cooperativista possibilitou identificar algumas potencialidades que serão aqui descritas em tópicos, alguns bastante iniciais, tendo em vista a pouca maturidade da experiência.

- Capacidade de ação com os grupos - o fato de em cada disciplina poderem se constituir mais de uma dezena de grupos de trabalho possibilita direcionar essa energia crítica e criadora para a resolução de dezenas de questões e problemas enfrentados pelos coletivos da ECOSOL. Se conjugarmos ações longitudinais do NECOOP/ITCP com ações pontuais (transversais) das diversas disciplinas
- Formação de possíveis quadros para atuar na Incubadora;
- Formação de possíveis quadros profissionais para trabalharem nas cooperativas ou organizações da região;
- Ser um embrião na universidade, para gradativamente , articulado a outros docentes, transformar o método de ensino , e conseqüentemente o processo formativo como um todo.
- Para o Necoop, ter um panorama atualizado das demandas de alguns EES e organizações/mov.sociais, o que pode vir a contribuir para melhor elucidar estratégias de construção e atuação.

4.2 Limites

a) Identificou-se num primeiro momento um grande envolvimento dos educandos no processo. Contudo, na medida em que tal prática vem sendo aplicada em apenas uma das disciplinas cursadas pelos alunos (alguns cursam mais de 10 disciplinas no semestre), e que as demais aplicam os mecanismos tradicionais de cobrança e envolvimento (provas, frequência, trabalhos teóricos, seminários) e que essa carga de trabalho precisa ser distribuída entre as demandas das distintas disciplinas, ocorre um rebaixamento no nível de envolvimento dos alunos no processo.

b) Essa primeira experiência não deu conta de articular os conteúdos das entregas teóricas, as demandas das atividades aplicadas e as cobranças reais dos grupos sociais acompanhados. Aqui entendemos não ser suficiente prever momentos de práticas. Mas sim, o desafio seria

construir processos de práxis educativa onde a teoria dialogue fortemente com a vivência real dos educandos em interação com os grupos.

c) Limites dos tempos de dedicação dos alunos, mas também dos professores - Essa dinâmica exige um grau de envolvimento muito maior de alunos e professores, e maior flexibilidade no acompanhamento, já que os problemas e casos levantados são reais e, muitas vezes, complexos, portanto, de difícil análise e resolução.

d) A necessidade de um grande planejamento e preparação de materiais didáticos, estudos de caso, relatórios, vídeos e análises e indicações de leituras para os grupos.

e) A experiência desse ano buscou avançar em alguns elementos da dinâmica. O desafio ainda maior é ampliar a experiência de forma a dar flexibilidade ao processo e maior grau de autonomia dos alunos na dinâmica das aulas, de forma a que os mesmos pudessem optar e definir pela ordem em que abordariam os conteúdos previstos nas ementas da disciplina, e não ficar presos a uma ordem pré-estabelecida de conteúdos e formas. Aqui o desafio é se abrir para as possibilidades e desafios do real, mediado pelos projetos de trabalho dos grupos de alunos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A experiência aqui relatada, ainda em processo de construção, e não isenta de falhas e inviabilidades, é também, e muito, uma oportunidade de se abrir novas sendas para a construção coletiva do conhecimento como parte do processo de formação de sujeitos sociais cognoscentes e criadores de uma realidade autogestionária.

Por ser processo, está aberta a construções e a limites que, uma vez não superados, podem levar a contradições insolúveis e à derrocada da experiência. Entretanto, ancorada e inspirada em experiências diversas que apontaram um caminho claro de resultados promissores na formação de quadros para experiências de autogestão na produção e na condução da luta social, espera-se trazer contribuições para a relação ecosol e educação em instituições de ensino superior.

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ENFF, ESCOLA NACIONAL FLORESTAN FERNANDES. Projeto político pedagógico do curso básico de formação de militantes. São Paulo/SP: MST/setor de formação, 2005.

FREIRE,P. Pedagogia do Oprimido. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1987.

_____. Extensão ou Comunicação. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 4a. Ed. 1979

MARIÁTEGUI, J. C. A crise da universidade: crise de professores e crise das ideias In MARIÁTEGUI, José C. Mariatégui – Sobre educação (seleção e tradução de Luiz Bernardo Pericás). São Paul/SP: Xamã, 2007, p.39-43.

MELO NETO, José Francisco de. . O trabalho: sua centralidade no mundo contemporâneo. PRINCÍPIA (CEFET/PB), João Pessoa, v. 1, n. 10, p. 5-10, 2003.

_____. . Extensão universitária e produção do conhecimento. Conceitos, João Pessoa - PB, v. 5, n. 9, p. 13-19, 2003.

MINTO, L. W. Educação superior e movimentos sociais: sentido histórico e questões atuais in: RODRIGUES, Fabiana C. NOVAES, H. BATISTA, E. (org) Movimentos sociais, trabalho associado e educação para além do capital. São Paulo-SP: Outras expressões, 2012.

NOVAES, H. T (org). Reatando um fio interrompido: A relação universidade-movimentos sociais na América Latina, São Paulo/SP: Expressão Popular, 2012.

SANTOS DE MORAIS, Clodomir. Elementos sobre a teoria organizacional no campo. São Paulo: ANCA, 1986.

TRAGTEMBERG, M. Delinquencia academia. São Paulo: Editores Associados; Cortez, 1990, 2ª ed.

_____. A falência da política. São Paulo: Ed.Unesp, 2009